

## EMPRÉSTIMOS LINGÜÍSTICOS

239441

Antônio José Sandmann (\*)

## RESUMO

*Diante do fenômeno do empréstimo lingüístico pode-se assumir uma postura de caráter normativo, isto é, de como preservar a "pureza" da língua nacional, comum na gramática tradicional, ou simplesmente de observação e descrição do que acontece entre línguas em contacto. Esta última preocupação é a que domina no presente trabalho, especificamente em relação ao português brasileiro contemporâneo. "Verba sequuntur rem" diz a lingüística, sendo, pois, inevitável que culturas em contacto se influenciem mutuamente.*

## ABSTRACT

*If we consider the fact that languages have loanwords, we may assume a position of normative character, v.g., we may either feel interest in the problem of the maintenance of the "purity" of national languages, position that was common in traditional grammars, or we may simply be interested in the observation and description of what happens between languages in contact. This last interest dominates the present work, specifically with regard to the contemporary Brazilian Portuguese. "Verba sequuntur rem" says linguistics. Therefore it is inevitable that cultures and languages in contact influence each other.*

## 1. INTRODUÇÃO

Diante do fenômeno do empréstimo lingüístico, isto é, da entrada de uma língua ou variante de elementos de outra, pode-se assumir uma postura crítica, dominante nas gramáticas normativas tradicionais, preocupadas grandemente com o purismo das respectivas línguas nacionais, ou uma postura simplesmente descritiva, de observação e análise do por que elementos de uma língua são adotados por outra e de como eles são adaptados. Sem negar a legitimidade, em termos razoáveis, do direito de uma língua nacional se «defender» dos «intrusos», estamos neste trabalho preocupados basicamente com o que acontece no português, principalmente de hoje, em termos de seu enriquecimento mediante o influxo de elementos de outras línguas. A propósito da postura das gramáticas tradicionais, destaque-se que os empréstimos lingüísticos eram normalmente tratados num capítulo chamado «Vícios de Linguagem» (assim SILVEIRA BUENO, p. 375ss., MENDES

DE ALMEIDA, p. 426ss., e SAID ALI, p. 224ss., por exemplo), e os nomes dados a eles pelos gramáticos já incluíam em si uma condenação: **estrangeirismo, barbarismo, peregrinismo**, embora diferenciassem o empréstimo necessário do desnecessário. SAID ALI, p.ex., diz (ib): «**A par das expressões úteis ocorrem todavia termos cujo emprego é decididamente condenável. Dá-se este caso quando existem e estão em voga expressões portuguesas que dizem exatamente a mesma coisa.**» O assunto não deixa de ser de interesse e relevância. Pergunto-me, no entanto, qual é o poder repressor de professores ou gramáticos quando vemos, p.ex., que o uso desbancou praticamente os vernáculos **merenda, merendar, merendeira** e pôs nos seus lugares **lanche, lanchar, lancheira, lancheria, lancheonete**? Por outro lado, devemos ficar mudos quando em documentos oficiais se quer substituir **desenho** por **design** e **desenhista** por **designer**, como ocorreu recentemente em determinado setor da Universidade Federal do Paraná? Mas vamos a uma abordagem apenas descritiva.

## 2. A AMPLIAÇÃO DO LÉXICO

Quem pensa que as línguas naturais como o português (língua artificial ou planejada seria o esperanto, p.ex.) são coisa pronta e acabada, engana-se. Da mesma forma se engana quem pensa que as línguas mudam pouco. Elas, na verdade, mudam bastante. É que as línguas, parte das culturas em contínua mudança das comunidades humanas, são também o principal veículo de comunicação dessas culturas. Vejamos um exemplo: Quando se inventou o automóvel, foi necessário dar nomes aos seus componentes, e com seu desenvolvimento e aperfeiçoamento, os nomes foram se multiplicando: **carburador, platinado, virabrequim, bie-la, giclê, pára-choque, pára-lama, pára-brisa, limpa-pára-brisa** (ou **limpador de pára-brisa**), para citar apenas algumas palavras. Um exemplo mais recente são o computador, o processamento de dados, a informática: **disquete, input, output, software, hardware, acessar, deletar e replicar** são apenas alguns exemplos de um universo de palavras em grande parte novas.

Para acompanhar a evolução ou as mudanças, a língua dispõe de três meios: 1) a criação de palavras (no alemão **Wortschöpfung**, segundo FLEISCHER, 10, que traduzo): com os fonemas que lhes são próprios criam as línguas palavras inteiramente novas, muitas vezes de caráter onomatopáico: **tititi, oba-oba, fofoca, fonfon** 'automóvel, na linguagem infantil'; 2) a formação de palavras (no alemão **Wortbildung**, segundo BUSSMANN): a partir de palavras ou morfemas (prefixos e sufixos) já existentes na língua criam-se unidades novas por composição ou derivação, respectivamente: **bóia-fria, trem-bala, selo-pedágio, subemprego, mididesvalorização** (Folha de São Paulo, 02.07.89, p.B-1), **trucagem** (Folha de São Paulo, 22.06.89, p.A-2) e **jornalês** (Folha de São Paulo, 22.06.89, p.E-14). Esse processo, como se poderia averiguar facilmente, é o mais fértil; 3) o empréstimo: uma língua se enriquece tomando emprestados elementos de outra língua — empréstimo externo — ou de outra variante da mesma língua — empréstimo interno. Os empréstimos externos feitos pelo português constituem a preocupação central do presente estudo e serão vistos nos itens seguintes. Exemplos de empréstimos internos, a saber, de um dialeto regional para outro, de uma variedade sociocultural para outra, por MATTOSO CÂMARA (276) chamados de **empréstimos intra falares**, apresentamos a seguir. Alguns exemplos desse último tipo: termos técnicos do transporte urbano moderno e entre cidades (**alimentador, expresso, ônibus, seletivo, opcional, convencional, leito**) passaram ao domínio do linguajar popular comum. **Bacana, legal e curtir** passaram da gíria também para o linguajar popular comum. A mesma coisa parece estar acontecendo com **ir fundo, sentir firmeza** e outros. São de origem erudita mas não são

mais exclusivamente desse domínio: **rádio, televisão, cinema, operação, suinocultura, agrotóxico** e outros. **Jagunço, baião, frevo e lamba** são exemplos de termos regionais que migraram para outras variantes dialetais, isto é, do Nordeste para todo o País.

## 3. EMPRÉSTIMO LINGÜÍSTICO EXTERNO

### 3.1 Introdução

Os cientistas ainda hoje lançam mão continuamente de radicais eruditos latinos e gregos para formar termos técnicos: **agrotóxico, cinevídeo, ecossistema, ecomuseologia, lipoaspiração, passadólogo, kremlinologia, narcotráfico, quadrinhólogo** e outros. Esses radicais latinos e gregos constituem, aliás, hoje patrimônio cultural comum, principalmente do Ocidente. Um recurso, porém, igualmente ou mais fértil é o empréstimo das línguas modernas, dentre as quais se destaca o inglês (em passado não muito longínquo o francês exerceu maior influência sobre o português). É que há línguas que são o meio de comunicação de comunidades, nações ou países cuja cultura irradia mais, exerce mais influência sobre outras em determinada fase da história. A propósito disso os lingüistas dizem que «**Verba sequuntur rem**» (traduzo essa frase latina: «**As palavras seguem a coisa**»). Com os primeiros filmes de «rock and roll», p.ex., juntamente com a «coisa», o «objeto», a saber, o ritmo, veio a palavra, falada e escrita hoje **roque**. De **roque**, por sua vez, se derivou **roqueiro** (**Rockódromo** voltou a incluir a forma gráfica originária inglesa **rock**). Em dado momento da história, como já mostrei acima, deixamos de lado nossas palavras sonoras **merenda, merendar e merendeira** e adotamos **lanche** (do inglês **lunch**), **lanchar, lancheira, lancharia e lancheiro** (é possível que até os dias do termo **Merenda Escolar** estejam contados).

### 3.2 Tipos de empréstimos externos

Na falta de uma terminologia consagrada em português para rotular os vários tipos de empréstimos lingüísticos externos, adoto a que abaixo segue e que exemplifico.

#### 3.2.1 Empréstimo lexical

Chamo assim o empréstimo em que a palavra ou o signo estrangeiro entra na língua receptora integralmente, isto é, com seu significado (**Verba sequuntur rem** foi dito acima). É de supor que o elemento a ser emprestado que contenha fonemas ou sílabas estranhos à língua de destino sofra maior resistência na sua integração. É o caso, p.ex., de **surf, jazz e smoking**, do inglês, **menu** do francês e **Wolkswagen e Weltanschauung** do alemão. Por outro lado, elementos estrangeiros que não apresentam fonemas de ou estrutura silábica estranhos ao português precisam apenas de adaptação gráfica: **ateliê, butique, premiê, pôster**.

Mesmo assim, parece-me que hoje não se tem muita pressa em fazer a adaptação gráfica de elementos perfeitamente integrados: **show, lobby, hobby, lingerie**. Entre os empréstimos lexicais podemos distinguir os:

3.2.1.1 NÃO ADAPTADOS: a esses o inglês chama de **adopted word** ou **loan / foreign word** (BUSSMANN, 151), sendo que essa não-adaptação pode ser: 1) fonológica e ortográfica: **joint venture, input(ar), output(ar), smoking, design, Umlaut, Ablaut, xerox**; 2) só ortográfica: **freezer, show, lobby, imbroglío, hobby, blazer, corpus**; 3) morfossintática, isto é, o plural de substantivos não é feito de acordo com as regras do português: **hobbies**, pl. de **hobby**, **lobbies**, pl. de **lobby**, **campi**, pl. de **campus** (compare **container** — **containers** e **contêiner** — **contêineres**).

3.2.1.2 EM ADAPTAÇÃO: A língua ainda não se definiu por uma das formas possíveis. Exemplos: **menu, surf** (o **Novo Dicionário Aurélio** traz **surfe**, forma que não corresponde aos fatos, segundo meus informantes universitários), **stress** ou **estresse**, ao lado de **estressar** e **estressado**. Observe-se que, no caso de **surf** e **stress**, o vocábulo simples, a base não está adaptada, ao passo que há derivados adaptados: **surfear, surfista, estressar** e **estressado**. Aliás, o ser base para a formação de vocábulos derivados e compostos constitui sinal de integração do empréstimo à língua-destino: **efeito-bumerangue, cheque-ouro, esnobe-esnobar, esnobada, esnobação, nocaute-nocautear**.

3.2.1.3 ADAPTADOS: A esses o inglês chama de **adapted word**. Essa adaptação compreende, naturalmente, tanto a escrita como a pronúncia. Alguns exemplos dentre os muitos que se poderiam apresentar: **giclê** (fr. **gicleur**), **clube** (ingl. **club**), **lanche** (ingl. **lunch**), **vina** (forma adaptada e abreviada do al. **Wienerwurst**), **pulôver** (ingl. **pull-over**). Observe-se que, curiosamente, alguns empréstimos entraram pelos olhos, outros, pelos ouvidos. Exemplos daqueles: **clube, burocracia, turfe** (ingl. **turf**). Exemplos destes: **lanche, birô** (fr. **bureau**), **blefe** (incl. **bluff**). No caso de **clube**, p. ex., é de supor que a palavra inglesa **club** era mais vista do que ouvida, entrando pelos olhos, ao passo que o inglês **lunch** era mais ouvido do que visto, entrando, conseqüentemente pelos ouvidos.

### 3.2.2 Empréstimo semântico

Uma unidade lexical de outra língua é traduzida ou passa a ser expressa por meio de elementos da língua de destino. Pode-se dizer que só o significado do signo é emprestado, não o significante. É o que DUBOIS et alii chamam de **decalque** e o alemão de **Lenhübersetzung** 'empréstimo traduzido'. Podemos basicamente distinguir dois tipos: 1) aqueles em que há alteração da estrutura ou da seqüência dos elementos formadores, isto é, do determinado ou núcleo e do determinante ou adjunto: o inglês **spaceship** foi traduzido para **nave espa-**

**cial, department store**, para **loja de departamentos, sky-scraper**, para **arranha-céu** e **sound track**, para **trilha sonora**; 2) aqueles em que não há alteração da estrutura ou da seqüência dos elementos formadores: os ingleses **agent-orange, spaceship** e **high fidelity** são traduzidos, respectivamente, para **agente-laranja, espaçonave** e **alta-fidelidade** e o alemão **Weltanschauung**, para **mundividência** e o francês **haute-couture**, para **alta-costura**.

### 3.2.3 Empréstimo estrutural

Não estamos diante, aqui, de empréstimos de unidades lexicais de outra língua, isto é, nem do empréstimo de unidades inteiras — com seu significante e significado — nem de empréstimos parciais de unidades lexicais — só do significado. Trata-se antes do empréstimo de estruturas, de seqüências estranhas, ou da formação de unidades lexicais ou grupos sintáticos novos de acordo com o modelo de outra língua. A seqüência dominante dos compostos ou grupos sintáticos do português é DM-DT (determinado-determinante, ou núcleo-adjunto: **trem-bala, custo de vida**). Ora, em **motogincana**, gincana motorizada, a seqüência dos elementos que formam o composto é DT-DM. O mesmo se pode dizer de **cinecube, motosserra, Galeão Supermercados** (compare **Supermercados Condor**), **Lucy Calçados, Guaraqueçaba Village**. Quem disser que a influência é do inglês, estará certo. Quem disser que do modelo neoclássico (**sociolinguística, etnolinguística**) também estará certo. O mais certo, porém, será dizer que o modelo inglês e o neoclássico se somam para produzir esse tipo de formação. Uma outra hipótese seria afirmar que o modelo da prefixação (**microrregião, minidesvalorização**) também contribui para a formação dos compostos do tipo DT-DM, sendo que então não teríamos mais influência externa.

## 4. CONCLUSÕES

Esta matéria poderia ser, naturalmente, tratada com mais amplitude. O que aqui se quis fazer foi, no entanto, dar uma idéia mais geral do que aconteceu e, principalmente, do que está acontecendo no campo dos empréstimos lingüísticos no português brasileiro, em geral bastante aberto a esse tipo de influência.

Somos de opinião que empréstimo lingüístico, principalmente de unidades lexicais, é fenômeno normal de culturas em contacto. «As palavras seguem a coisa», foi dito acima. Por outro lado, entendemos que a palavra, depois de efetivamente integrada à língua receptora, deve ser adaptada graficamente: **xou**, por **show**, **roquenrol**, por **rock-and-roll**, **córpus**, por **corpus**, **câmpus**, por **campus**, etc. Note-se, por fim, que, normalmente, o que é emprestado ou tomado de empréstimo é o substantivo. São, portanto, fenômenos raros empréstimos adjetivos como **esnobe** (ingl. **snoob**), **bigue** (ingl. **big**).